

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO,
ATUÁRIA, CONTABILIDADE - FEAAC
COORDENAÇÃO DE ECONOMIA

UMA ANÁLISE DA IMPORTÂNCIA E RESULTADOS
CONSEGUIDOS PELO PÓLO CALÇADISTA DE
SOBRAL/CE

FRANCISCO ANTON DE OLIVEIRA

FORTALEZA – CEARÁ

Setembro, 1998

**UMA ANÁLISE DA IMPORTÂNCIA E RESULTADOS
CONSEGUIDOS PELO PÓLO CALÇADISTA DE
SOBRAL/CE**

FRANCISCO ANTON DE OLIVEIRA

**Monografia apresentada à coordenação
do curso de Economia da UFC para
obtenção parcial do Grau de Bacharel
em Ciências Econômicas.**

FORTALEZA – CEARÁ

1998

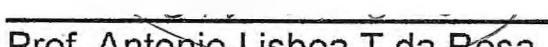
Esta monografia foi submetida a exame como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas, outorgado pela Universidade Federal do Ceará – UFC, e encontra-se à disposição dos interessados na biblioteca da Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Contabilidade– FEAAC da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que seja feita em conformidade com as normas de éticas científicas.

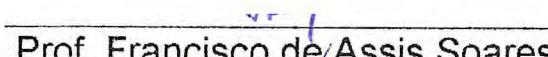

Francisco Anton de Oliveira

Monografia aprovada em 29/09/1998

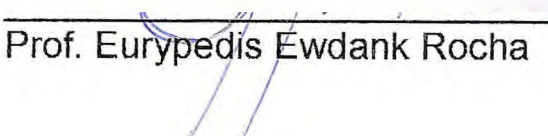
BANCA EXAMINADORA


Prof. Antonio Lisboa T da Rosa
Orientador

NOTA


Prof. Francisco de Assis Soares

7,5
NOTA


Prof. Eurypedis Ewdank Rocha

7,5
NOTA

A Deus, sempre presente em minha vida.

Aos meus pais que acreditaram em mim.

A todos que direta ou indiretamente ajudaram,

Dedico este trabalho acadêmico.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais pela ajuda e estímulo na minha caminhada estudantil e profissional, o meu carinho especial.

Ao meu professor orientador, Antonio Lisboa, pela paciência, compreensão, orientação e estímulo na elaboração desta monografia, meus sinceros agradecimentos.

Aos membros da banca examinadora, pela cooperação e ajuda, meus cordiais agradecimentos.

Aos demais amigos, colegas e outras pessoas que contribuíram direta ou indiretamente na elaboração e finalização desta monografia, meus cordiais agradecimentos.

SÚMARIO

INTRODUÇÃO.....	
1. O SETOR DE CALÇADOS TRADICIONAIS NA ECONOMIA CEARENSE	
1.1 A industrialização do Nordeste –inferência ao setor calçadista.....	1
1.2 O setor calçadista cearense – uma caracterização recente na competitividade, infra-estrutura de apoio e fontes de financiamentos.....	6
2. CRIAÇÃO DO PROJETO PÓLO CALÇADISTA DE SOBRAL.....	19
2.1 História do projeto.....	19
2.2 Como Funciona o pólo calçadista de Sobral.....	20
2.3 O treinamento da mão-de-obra.....	21
2.4 O processo de produção.....	21
2.5 O incentivo governamental.....	22
2.6 Ação do Grupo Grendene - Grendene Sobral.....	23
3. AVALIAÇÃO DO PÓLO CALÇADISTA DE SOBRAL – UMA VISÃO RECENTE.....	25
4. CONCLUSÃO.....	27
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29
6. ANEXO.....	31

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo central avaliar o Projeto denominado, Pólo Calçadista do Município de Sobral/Ce, elaborado pelo Governo do Estado do Ceará em parceria com o SEBRAE/CE, com ênfase aos resultados obtidos ao longo de sua criação.

No primeiro capítulo, avaliaremos o setor de calçados tradicional no Estado do Ceará, que corresponde aos micros e pequenos produtores de calçados, enfatizando o seu processo de desenvolvimento em relação a região Nordeste, e ao mercado nacional. As políticas de incentivos do Governo Federal e do Governo Estadual junto ao setor, também serão alvo de apreciação, bem como a participação da SUDENE no desenvolvimento do setor estudado. Faremos ainda, uma caracterização recente do setor de calçados tradicionais no Estado do Ceará, enfocando a competitividade, infra-estrutura e fontes de financiamentos.

No segundo capítulo, veremos a criação do Pólo Calçadista de Sobral, seu histórico, funcionamento, treinamento da mão-de-obra, processo produtivo, incentivos governamentais, enfim, a essência do projeto. Aborda-se-á ainda, a ação do grupo GRENDENE no Município de Sobral, criando a GRENDENE SOBRAL. Veremos o que esta empresa trouxe de benefícios ou não para o pólo calçadista e a população em geral do Município.

Abordaremos no terceiro capítulo, a avaliação do desempenho do Pólo Calçadista de Sobral desde seu início, salientando que, este trabalho foi elaborado, de acordo

as informações dadas, retiradas de depoimentos e declarações dos Pequenos Produtores de Calçados do Município, Presidentes das Associações Comunitárias dos bairros, técnicos do SEBRAE/CE, técnicos do NUTEC e consultores técnicos ligados a área de calçados .

Procura-se, portanto, através do referido estudo, verificar como está o Pólo Calçadista de Sobral, numa visão atualizada.

CAPÍTULO I

1. O SETOR DE CALÇADOS TRADICIONAIS NA ECONOMIA CEARENSE.

1.1 A Industrialização do Nordeste – inferência ao setor calçadista.

A região Nordeste dispõe hoje de um parque industrial muito mais estruturado do que antes da criação da SUDENE. A produção industrial cresceu e se diversificou sob a intermediação da política de incentivos fiscais e financeiros, colocada em prática nas últimas décadas. O sistema 34/18 - FINOR representou um elemento modernizador e diversificador não só na estrutura industrial regional, mas na nacional também, pois permitiu à empresa nacional e/ou , posteriormente, à estrangeira (pelo artigo 18 da lei nº 4.239/63) a dedução de parcela do imposto de renda para realizar investimentos, desde que consideradas prioritárias pela SUDENE, para o desenvolvimento da região.

Com a evolução da legislação, ampliou cada vez mais as facilidades concedidas às empresas, diminuindo as exigências burocráticas, quanto a participação de recursos no financiamento. Esse processo atraiu para a região Nordeste os mesmos grupos de investidores que lideravam a economia brasileira na época, como afirma Oliveira (1981, P.125), “ uma transferência da hegemonia da burguesia do Centro-Sul para o Nordeste”.

A industrialização do Nordeste acompanha a dinâmica nacional, porém numa situação de dependência, o assentamento da produção industrial deu-se nos Estados que já dispunham de condições infra-estruturais para receber os investimentos, tais como; Bahia, Pernambuco e Ceará, que na etapa de industrialização que antecedeu a criação da SUDENE, concentravam juntos, 70,8% do valor da transformação industrial gerado na região, distribuídos da

seguinte forma: Pernambuco (37,8%), Bahia (24,8%) e Ceará (com 8,2%), passando a participação total dos três Estados a equivaler a 79,7% em 1980, sendo que destes a Bahia concentrava 44%, Pernambuco 24,5% e o Ceará participava com 11,2% (BNB, 1986 sistema FINOR).

A gravidade dos problemas do Nordeste vincula-se fortemente ao caráter das políticas governamentais, negligenciador das profundas desigualdades existentes entre as diversas regiões do país, e articulador de programas insuficientes para estimular o segmento de empresas.

A SUDENE criou uma Programa de assistência às Pequenas e Médias Indústrias da região, como forma de amenizar a marginalização que essas unidades vinham sofrendo ao longo do desenvolvimento regional. O programa direcionou-se para a ligação da assistência técnica com a ajuda financeira utilizando, para tanto, recursos do Banco do Nordeste do Brasil - BNB. A assistência técnica deveria voltar-se para a redução do grau de limitação da capacidade empresarial, em função da qual muitos obstáculos surgiam aos incentivos governamentais.

Tal estratégia, porém, ficou limitada, devido a falta de recursos financeiros, impedindo assim, a dinamização das atividades de assistência técnica. O financiamento do programa teve como critério básico a predominância de empréstimos para empresas já existentes, atribuindo-se esse aspecto à barreira institucional criada pela existência de participação mínima de 30% dos recursos próprios para a instalação de novas empresas. As dificuldades de financiamento do programa de pequenas e médias empresas foram agravadas pelo caráter vulnerável da assistência financeira, como afirma Rocha (1990, P.53), " a falta de garantias adequadas e suficientes para lastrearem os pedidos de financiamentos, pareceu ser um fator mais forte que compelia as empresas a aceitarem o volume de crédito inferior às suas necessidades" . Em períodos de prosperidade o BNB destinava recursos mais substanciais, fora esses, reduzia a

referida parcela. Conclui-se, portanto, que as políticas governamentais de apoio as micros e pequenas empresas tem um raio de ação muito curto na região Nordeste, deixando o governo a desejar no processo de industrialização das mesmas.

A SUDENE foi criada em 1959 e implantada em 1961 pelo governo do presidente Juscelino Kubistschek (Plano de Metas). Sua criação aconteceu, em virtude do projeto de Planejamento Global para o Nordeste, elaborado pelo BNB que também, propôs a criação do GTDN (Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste) em dezembro de 1955 (Rebouças,1997,p.27).

O papel da SUDENE era reforçar a tendência de crescimento do papel do Estado na produção de novas idéias de modernização da região Nordeste e do Ceará. Para o setor de calçados, os efeitos da atuação da SUDENE e do BNB, via FINOR, podem ser constatados pelo exame das considerações a seguir. Em primeiro lugar o comportamento das variáveis número de estabelecimentos, pessoal ocupado e valor da transformação industrial (V.T.I) correspondente ao gênero vestuários e calçados em relação aos seus respectivos totais para o Estado, na década de setenta, observa-se que a participação relativa do setor no Estado foi crescente. Em termos de números de estabelecimentos, a participação do gênero no Estado era de 3,8% no início da década de 70, chegando a 6,5% no início dos anos oitenta (Tabela 01). Quanto ao pessoal ocupado, em 1970, o setor empregava 6,5% do total do Estado, passando para 14,2% no início da década seguinte. No tocante ao V.T.I - Valor de Transformação Industrial, também ocorreu uma melhora expressiva em seu valor que de 5,3% em 1970 passou para 13,3% em 1980. Esses dados, pois, indicam uma expansão representativa para o setor estudado.

TABELA 01 - Ceará :

Participação relativa do gênero e
Calçados do Estado do Ceará na
indústria de transformação (%)

	1970	1975	1980	1985
Nº de Estabelecimentos	3,8	6,3	6,5	14,1
Pessoal Ocupado	6,5	11,0	14,2	20,0
V.T.I.	5,3	9,2	13,3	18,25

FONTE: FIBGE - Censos Industriais

Durante os primeiros anos da década de oitenta, os números de estabelecimentos do gênero, no Nordeste caiu, tanto em termos absolutos como relativos, concentrando, em 1985, apenas 6,5% dos estabelecimentos do Brasil. Todavia, este não é o comportamento típico para o Ceará, que em 1981 detinha 28% dos estabelecimentos do Nordeste e , em 1985, passou a expressar 35,8% desse total. No que concerne ao número de pessoas ocupadas no setor, há uma estabilidade para o Nordeste, ocupando 10,0% do total, em 1985. O Ceará mantém, aproximadamente, a sua participação regional em torno de um pouco mais de 30%. A participação do V.T.I (Valor da Transformação Industrial) do Nordeste é constante, por volta de 7% até o ano de 1984, em 1985 subiu para 10,31%, enquanto a do Ceará oscilou entre 37% e 30,6%, demonstrando uma tendência decrescente (tabela 02).

TABELA 02 - Brasil, Nordeste e Ceará : aspectos gerais para o gênero Vestuário e Calçados.

1981-1985					
	Brasil	Nordeste	Ceará	NE/BR(%)	CE/NE(%)
Nº de Estabelecimentos					
1981	8.966	731	205	8,1	28,0
1982	8.810	701	175	8,0	25,0
1983	8.018	649	211	8,0	32,5
1984	9.756	631	218	6,5	34,6
1985	10.066	656	235	6,5	35,8
Pessoal Ocupado					
1981	410.745	41.699	13.891	10,0	33,3
1982	476.000	42.792	15.842	9,0	37,0
1983	471.678	37.671	14.094	8,0	37,4
1984	524.234	39.442	13.543	7,5	34,3
1985	538.180	53.964	18.871	10,0	34,9
Valor de Transformação Industrial(a)					
1981	314.594	23.359	8.635	7,4	37,0
1982	797.570	57.045	23.672	7,1	41,5
1983	1.846.893	141.593	48.298	7,7	34,1
1984	5.707.851	488.944	123.973	7,9	27,6
1985	27.622.978	2.849.791	874.884	10,31	30,6

FONTE: FIBGE - Pesquisas Industriais.

(a) A preços correntes - em milhões de cruzeiros

1.2 O setor calçadista cearense – uma caracterização recente na competitividade, infra-estrutura de apoio e fontes de financiamentos.

A indústria de calçados no Ceará, além de poder contar com estímulos federais, pôde dispor de vantagens creditícias através do Banco do Estado do Ceará - BEC, Banco de Desenvolvimento do Ceará - BANDECE, da vantagem de localização no distrito industrial e com outros programas de desenvolvimento industrial - FDI.

Outro fator decisivo, embora de existência efêmera, para a explicação do crescimento do setor no Estado, mais recentemente, foi a Fundação Núcleo de Tecnologia de Calçados (N.T.C.A), instituída em 1984, vinculada à Secretaria de Indústria e Comércio (SIC, Fortaleza, 1985). Dispunha de uma fábrica-escola, onde orientava suas atividades, fundamentalmente, para ;

- 1) capacitação e treinamento de operários e chefes de seção, nas áreas de corte, pesponto, preparação de solados e palmilhas, montagem, acabamento e manutenção de máquinas e equipamentos.
- 2) realização de teste físico-mecânicos necessário à atividade de controle de qualidade de calçados e materiais empregados em sua fabricação.
- 3) fornecimento de assistência técnica ao setor coureiro-calçadista cearense nas áreas de organização industrial, planejamento de produção, modelagem e técnica de fabricação de calçados.
- 4) coleta, arquivo e divulgação de informações técnico-científico relativa a couros, calçados e afins, para o intercâmbio com as indústrias da região e sua atualização contínua (SIC, N.T.C.A, 1985).

5) Todas essas atividades eram, no entanto, voltadas para a qualificação de mão-de-obra das empresas de maior porte do setor formal. Somente com seu credenciamento ao Programa SEBRAE/FINEP, é que passou a contemplar as empresas de pequeno porte, dentro do "Programa de Assistência Técnica às Micros e Pequenas Empresas", financiado pelo mencionado sistema, o que não significou, necessariamente, garantia de acesso das microempresas aos referidos estímulos.

A implantação do III Polo Industrial do Nordeste, localizado no Estado do Ceará, incluía, entre outras diretrizes básicas um programa de expansão e apoio à pequena e média indústria, apesar de objetivar, basicamente, o aumento da participação das indústrias dinâmicas na economia estadual. Tal programa continha entre os seus objetivos a questão de aprimoramento da capacidade empresarial e da ampliação do apoio tecnológico. Além desse, entre aquelas diretrizes, havia um Programa de Integração da Indústria Coureira que visava tanto fomentar a oferta de matéria-prima, como o desenvolvimento das indústrias de calçados, confecções e artefatos de couro.

Evidencia-se que a indústria de calçados no Ceará, de um modo geral, tem apresentado sintomas de crescimento, nas últimas décadas, entretanto, este fato é mais atribuível à atuação das grandes empresas do que às pequenas, por não terem sido devidamente contempladas com os estímulos que aquelas puderam contar. Desta forma, Rocha afirma (1990, p.183), "apesar da criação de programas específicos as pequenas empresas, os frutos do crescimento industrial ficam a mercê dos grandes estabelecimentos".

O Ceará está ao lado dos Estados de São Paulo e Rio Grande do Sul como um dos pólos de produção mais representativos da indústria calçadista nacional, a indústria brasileira produziu 529,0 milhões de pares, em 1996. Isto assegurou ao Brasil a 2ª posição no ranking mundial, superado apenas pela República da China

com a produção recorde de 4,4 bilhões de pares (tabela 3 e 4). Além de sua imensa vocação e posição geográfica, em relação aos grandes mercados consumidores, a oferta de mão-de-obra abundante e barata assegura-lhe condições plenamente favoráveis à expansão e consolidação do 3º lugar no “ranking” dos maiores produtores de calçados do país (Ary, 1987, P. 263-289).

TABELA 03 - Principais Países Produtores de calçados no mundo – 1996*

Países Produtores	Produção Total (em milhões de pares)	Participação (%)
China	4.430,00	43,9
Brasil	529,00	5,2
Itália	492,00	4,9
Índia	474,00	4,7
Tailândia	415,00	4,1
Indonésia	379,00	3,7
Estados Unidos	220,00	2,2
Japão	202,00	2,0
Espanha	195,00	1,9
Coréia do Sul	180,00	1,8
Outros	2.585,00	25,6
Total	10.101,00	100,0

FONTE : Brazilian Footwear – ABAEX, 1996-97

* México e Argentina, produziram neste mesmo ano, 272,0 milhões de pares de calçados

TABELA 04 - Produção, Importação, Exportação e Consumo de Calçados nos Principais Países Produtores –1996 (em milhões de pares).

Países	Produção	Importação	Exportação	Consumo
China	4.430,0	9,0	2.690,0	1.749,0
Brasil	529,0	35,0	142,0	422,0
Itália	492,0	142,0	437,0	197,0
Índia	474,0	1,0	130,0	345,0
Tailândia	415,0	1,0	296,0	120,0
Indonésia	379,0	2,0	217,0	164,0
Estados Unidos	220,0	1.431,0	33,0	1.618,0
Japão	202,0	394,0	4,0	592,0
Espanha	195,0	49,0	138,0	106,0
Coréia do Sul	180,0	22,0	91,0	111,0
Outros	2.585,0	3.379,0	2.257,0	3.707,0
Total	10.101,0	5.465,0	6.435,0	9.131,0

FONTE : Brazilian Footwear – ABAEX, 1996-97.

No Nordeste, onde segundo a ABAEX, concentra-se aproximadamente 20% da produção calçadista nacional, o Estado do Ceará desponta como o de maior representatividade, secundado pela Paraíba, Pernambuco e Bahia, cuja a produção também atinge Porte relativamente expressivos (tabelas 5 e 6).

TABELA 05 - Produção Brasileira de Calçados : Segundo as Grandes regiões Produtoras – 1996.

Regiões Produtoras	Prod. Total (em milhões de Pares)	Participação (%)
Norte	1,0	0,2
Nordeste	106,0	20,0
Centro-Oeste	5,0	0,9
Sudeste	242,0	45,8
Sul	175,0	33,1
Total	529,0	100,0

Fonte : Brazilian Footwear – Abaex, 1996 –97.

TABELA 06 - Principais Pólos produtores de calçados no Brasil

Pólos Produtores	Produção	
	Valor absoluto	valor em %
Rio Grande do Sul	175,8	33,0
São Paulo	130,9	24,5
Ceará*	65,9	12,3
Outros	156,4	30,2
Total (Brasil)	529,0	100,0

Fonte : Brazilian Footwear – ABAEX (1996 –97)

- Estimada pela pesquisa UFC.FCPC/SEBRAE-CE/SINDICAL(1996)
- Em milhões de pares.

Estatísticas do Ministério da Economia, Fazenda e Planejamento (MEFP), revelam que o número de empresas calçadistas no Ceará, evoluiu satisfatoriamente nessas últimas décadas. Com efeito, o total de firmas operando no setor aumentou de 87 para 269, no período 1980-90. Esse crescimento, no entanto, não foi acompanhado por incrementos na produção, que decresceu de 6,2 milhões de pares em 1980, para 4,2 milhões em 1989, repercutindo desfavoravelmente na produtividade médias das empresas e do setor (Brasil, MEFP, 1990, P. 48).

Na década de 90, a tendência de crescimento de firmas no setor continuou e em 1997, segundo registros da Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará (SEFAZ), existiam 443 empresas calçadistas operando no Estado do Ceará. Deste total, a maioria é constituída por micro e pequenas empresas formalmente cadastradas como contribuintes fiscais junto a SEFAZ-CE, portanto, não incluem os estabelecimentos clandestinos ou informais, cujo o número é reconhecidamente significativo em todo o Estado do Ceará. Em 1990, segundo estimativas oficiais, 800 empresas operavam no setor informal, em todo o Estado do Ceará (Brasil.MEFP,1990).

A produção cearense de calçados ampliou-se, ao ponto de alcançar no ano de 1997, o elevado patamar de 34,9 milhões de pares. Vale ressaltar que esse valor é somente do setor tradicional, excluindo o segmento moderno, cujo volume produzido, segundo a Companhia de Desenvolvimento do Ceará (CODECE), totalizou 31,0 milhões de pares, naquele mesmo ano. Convém lembrar, que esse é o total produzido por apenas 11 empresas recentemente instaladas no Ceará, e beneficiadas com a política de incentivos (fiscais, financeiros, trabalhistas e infra-estruturais), empreendida pelo Governo Estadual, visando atrair grandes investimentos para o setor. Os incentivos trabalhistas incluem desde a capacitação de pessoal até a organização de cooperativas de trabalho. Em termos de infra-estrutura, o Estado assegura água, energia e telecomunicações, assim como, galpões industriais em regime de comodato. Os incentivos fiscais e financeiros incluem empréstimos, isenções, diferimento do ICMS, etc., e estão inseridos no âmbito do Fundo de Desenvolvimento Industrial - FDI (Silva e Rosa, 1998, P. 31).

As empresas do segmento tradicional, por serem menos estruturadas, terem limitada visão estratégica e baixo nível de informação não têm se beneficiado dos incentivos para financiar ampliação e reestruturação em sua base produtiva, com vistas a elevação da produtividade e da competitividade. Como consequência

disso, têm um insuficiente desempenho, conforme manifestado pelo comportamento de três importantes vetores ou dimensões da competitividade empresarial que são a produtividade, a qualidade e a flexibilidade (Silva e Rosa, 1998, P.31).

Na avaliação da produtividade, verificou-se níveis de desempenho insatisfatórios, refletindo inadequação no uso dos fatores fixos ou complementares (Ex: quantidade e qualidade das máquinas e equipamentos e instalações), nas tecnologias, na estrutura organizacional, bem como no processo de gestão. No tocante ao uso dos fatores fixos, as ineficiências são retratadas pelos elevados níveis de ociosidade. O nível constatado de aproveitamento entre micro-empresas, revela que quase metade do seu potencial produtivo não vem sendo utilizado (tabela 7). A baixa produtividade na indústria, também deriva do acentuado nível de obsolescência do maquinário.

TABELA 07 - Ceará - Ociosidade e interrupções Imprevistas na indústria Calçadista tradicional, segundo o porte da empresa (%).

Porte da empresa	nível de ociosidade	interrupções Imprevistas		
		Nenhuma	até 20 dias	acima de 20 dias
Micro	55,0	2,9	40,0	57,1
Pequena	63,0	16,7	55,6	27,8
Média	-	50,0	50,0	-
Grande	60,0	-	100,0	-
Total das empresas	58,0	8,9	46,5	44,6

Fonte : Pesquisa UFC/FCPC/SEBRAE-CE/SINDICAL (1997).

***Expresso como percentual da capacidade instalada**

Dentro da dimensão qualidade, o baixo desempenho da indústria calçadista cearense acontece devido os elevados índices de desperdícios (Ex: peças defeituosas, retrabalho, desperdícios de matéria-prima). Na indústria calçadista cearense, os números parecem indicar grande ineficiência e fragilidade dos controles internos, seja no que tange ao produto final, como em relação às matérias-primas utilizadas. Nesse particular, registre-se que, entre as micro-empresas, alguns desses índices, como a taxa de retrabalho e o percentual de

matérias-primas desperdiçadas, alcançam 8,0 e 5,0%, respectivamente, portanto, bem superiores às médias representativas para a indústria como um todo. E neste contexto, verifica-se a insensibilidade dos empresários locais quanto a adoção de mecanismos de controle mais efetivos e abrangentes, assim como técnicas organizacionais modernas visando racionalizar o processo de produção – principalmente dos micros e pequenos empresários, os quais, invariavelmente se mostram refratários as inovações, mesmo reconhecendo que elas podem elevar a produtividade e melhorar a qualidade dos calçados produzidos. Portanto, mesmo sabendo que, o uso inadequado de máquinas e equipamentos, a ausência de procedimentos/especificação sobre o uso de matérias-primas, a inexistência de registros sistemáticos sobre peças defeituosas e, principalmente, a falta de interlocução com clientes e fornecedores, elevam consideravelmente os desperdícios, muitos empresários do setor não tem tomado quaisquer iniciativa objetivando o aprimoramento dos controles de qualidade no processo de produção (Silva e Rosa, 1998, P.35).

A flexibilidade é, dentre as dimensões da competitividade, aquela em que a indústria calçadista local apresenta o melhor desempenho. Em grande parte, pode estar associada a forte predominância de micro e pequenos estabelecimentos, os quais em geral, demonstram grande agilidade na administração dos estoques e nos prazos de atendimento aos mercados consumidores.

A indústria de calçados cearense dispõe de razoável infra-estrutura de apoio nas áreas de capacitação profissional e desenvolvimento tecnológico, fatores indispensáveis à manutenção e melhoria do nível competitividade do setor. Igualmente, dispõe de várias fontes de financiamentos (créditos e incentivos fiscais) capazes de assegurar-lhes os meios necessários para adaptar em suas estruturas produtivas à nova dinâmica da concorrência no mercado.

Esta rede institucional de apoio é constituída por um grande número de entidades que patrocinam ou desenvolvem programas de qualificação de recursos humanos e de assistência tecnológica às empresas do setor. Em Fortaleza, principal Pólo produtor de calçados do Estado, localiza-se o Centro de Formação profissional de Parangaba (CFP), uma unidade do SENAI-CE (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), destinado a preparação, aperfeiçoamento e especialização de trabalhadores, gerentes e supervisores para a indústria local.

O Centro de Formação da Parangaba, mantém em sua programação normal, cursos de modelagem, corte, costura, solagem e montagem de calçados. Além desses cursos, administra programas de capacitação nas áreas comportamentais, controle de produção e qualidade, planejamento de compras e vendas, produtividade, identificação de peles/couros e custos de fabricação do calçado. Ainda no campo da capacitação profissional e empresarial atuam no Estado, em favor do segmento calçadista as seguintes entidades;

SEBRAE-CE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas)

Promove treinamento gerencial e profissionalizante para micro e pequenos empreendimentos localizados em todo o Estado do Ceará. Suas áreas de educação empresarial e desenvolvimento tecnológico oferecem diversificada programação de treinamento (produtos), de interesse da indústria, em geral, e da calçadista de modo particular.

CODECE (Companhia de Desenvolvimento do Ceará)

A CODECE, apesar de extinta, teve suas funções absorvidas pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado do Ceará. Dentre suas funções, era responsável por um programa de qualificação de mão-de-obra para empresas calçadistas incentivadas e cooperativas de trabalho. Referido programa abrange

especificamente as empresas calçadistas recém implantadas com financiamentos do FDI, e é desenvolvido em parceria com as empresas interessadas. Até dezembro de 1997, já tinham sido constituídas 10 cooperativas de trabalho, e um total de 5.481 pessoas capacitadas.

PROFITEC (Fundação Municipal de Profissionalização, Geração de Emprego e Renda e Difusão Tecnológica)

A PROFITEC é uma fundação vinculada à Prefeitura Municipal de Fortaleza, que atua através do Programa de qualificação Profissional na preparação de confeccionadores de calçados. Além da qualificação profissional, desenvolve quatro outras ações programáticas ; crédito orientado, comercialização, difusão tecnológica e cooperativismo/associativismo.

SINE (Sistema Nacional de Emprego)

O SINE apoia várias iniciativas no campo de qualificação profissional para a indústria calçadista local, principalmente como patrocinadora e principal agente do Plano Nacional de Educação Profissional do Ministério do Trabalho, no Estado do Ceará (Brasil, MTB, 1996-1997).

A Fundação Núcleo de Tecnologia Industrial (NUTEC), vinculada à Secretaria da Ciência e Tecnologia do Governo do Estado do Ceará (SECITECE), também administra em parceria com os governos Federal e Municipal, um programa de qualificação profissional, o PRODITEC (Programa de Difusão Tecnológica). Referido programa é um mecanismo informal de educação, cujo o objetivo primordial é a transferência de conhecimentos tecnológicos e de capacitação do homem para o exercício do trabalho produtivo.

Até o presente momento, o PRODITEC não ministrou cursos em processos industriais de calçados, mas, segundo a coordenação do programa, no médio e longo prazos, seria viável atender eventuais demandas da comunidade ou da indústria local. A programação básica da PRODITEC engloba cerca de 50 cursos profissionalizantes, alguns dos quais, em áreas assessórias e afins da indústria de calçados, tais como; iniciação empresarial, gestão da produtividade e artefatos de plásticos e couro (Ceará – SECITECE, 1997).

No âmbito da SECITECE existem ainda dois projetos na área de educação tecnológica, que são os Centros Vocacionais Tecnológicos (CVT'S) e os Centros de Ensino Tecnológico (CENTEC'S). Os CVT's são unidades de ensino voltadas par a difusão e transferência de conhecimentos tecnológicos nas áreas de processos produtivos e de gestão, sendo um de seus focos de atuação, a capacitação de mão-de-obra para o trabalho profissional. Já os CENTEC's, são centros de pesquisa tecnológica e de ensino profissionalizante destinados a formação de tecnólogos, em campos específicos do conhecimento, como eletromecânica, recursos hídricos, alimentos, irrigação, e saneamento ambiental. Até o final desse Governo, prevê-se a instalação de três CENTEC's, um dos quais, no município de Sobral e outro em Juazeiro do Norte, dois dos principais pólos produtores de calçados, no Ceará.

Os projetos dos CENTEC's neste dois municípios, assim como os do CVT's, não contemplam ações de ensino e/ou pesquisa tecnológica nas áreas de couro, calçados e afins. Todavia, em que seus critérios de localização abrangem a vocação regional, perfil do mercado de trabalho e demandas setoriais, existe a possibilidade de que no médio e longo prazos eles venham atender algumas necessidades específicas do setor.

No que tange ao desenvolvimento tecnológico, o SEBRAE-CE dispõe de vários instrumentos que podem auxiliar as empresas na busca de informação,

conhecimento e tecnologia inovadoras, visando melhoria da qualidade, da produtividade e o aprimoramento de seus produtos. Dentre estes, o SEBRAETEC oferece, a preços subsidiados, serviço especial de consultoria tecnológica para micro e pequenas empresas industriais em geral, e as do segmento calçadista, em particular. O outro mecanismo é o PATME (Programa de apoio Tecnológico às Micros e Pequenas Empresas), operando em parceria com a financiadora de estudos e projetos (FINEP), visando a elevação do patamar tecnológico das empresas e, conseqüentemente, à melhoria do seu desempenho competitivo (FINEP/SEBRAE, 1996).

No apoio ao desenvolvimento e a prestação de serviço tecnológico às empresas calçadistas cearenses, também figura o NUTEC. O órgão dispõe de pessoal técnico qualificado, e se recuperada sua infra-estrutura laboratorial, poderia realizar análises químicas e testes físico-químicos em matérias-primas e componentes utilizados na fabricação do calçado.

Outra entidade apta a prestar apoio ao desenvolvimento tecnológico do setor calçadista local, é o Parque de Desenvolvimento Tecnológico (PADETEC), vinculado ao Centro de Treinamento e desenvolvimento Econômico Regional (CETREDE) da Universidade Federal do Ceará.

O PADETEC tem, entre outros objetivos o de assessorar empresas locais quanto a geração de novas tecnologias, no desenvolvimento de produto/processos, na emissão de laudos de qualidade, bem como no intercâmbio de experiência e conhecimento entre empresas e instituições nacionais / internacionais (CETREDE- PADETEC, 1997).

Outro programa complementa o esforço interinstitucional, em favor da consolidação e expansão do Pólo Calçadista cearense, ele é implantado pelo SENAI-CE, através do CFP da Parangaba, e consiste na prestação de assistência

técnica especializada às empresas calçadistas interessadas. O serviço é oferecido a preços subsidiados e seqüencialmente obedece a três etapas distintas; visitas de inspeção às empresas, diagnóstico/avaliação do problema e monitoramento da solução.

O suporte financeiro ao segmento calçadista local é assegurado por várias instituições creditícias, públicas e privadas, dentre as quais o Sistema Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), o Banco do Brasil (BB), o Banco do Nordeste (BNB) e o Banco do Estado do Ceará (BEC).

Os recursos para financiamentos ao setor são oriundos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), conta própria dos Bancos, Programa de Integração Social/Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público (PIS/PASEP), além de fundos de desenvolvimento legalmente constituídos, como o Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE), operado pelo Banco do Nordeste, o Fundo de desenvolvimento Industrial (FDI) e o Fundo-Constitucional do Estado (FCE), administrados pelo Banco do Estado do Ceará.

O FNE foi instituído pela constituição Federal e tem como principal fonte de recursos um percentual da arrecadação líquida de impostos federais. O FDI foi criado pela Lei nº 10.367, de 07/12/1979, e suas principais fontes de recursos são de origem orçamentárias, a fundo perdido do Estado e da União, doações, contribuições, juros, dividendos e outras receitas decorrentes de aplicação. O FCE tem como fonte de recurso 0,75% da arrecadação líquida do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). O Banco do Estado do Ceará e o Banco do Nordeste utilizam, além de seus fundos, recursos do FAT repassados pelo sistema BNDES, constituindo-se, pois, em importantes instrumentos de capilaridade do crédito institucional junto às empresas calçadista locais.

O BNDES, além de três grandes linhas de crédito destinadas a implantação, ampliação, modernização e realocização de empresas (FINEM, FINAME e BNDES-automático), oferece o “Nordeste Competitivo”, programa de apoio à indústria coureira-calçadista. O Banco do Brasil repassa vários produtos do Sistema BNDES, e com recursos da conta própria, do Fundo Nacional de Desenvolvimento (FND) e do FAT, financia através do MIPEM-INVEST e MIPEM-FAT, projetos de investimentos fixo e capital de giro, para micro e pequenas empresas industriais, inclusive do setor calçadista.

No Banco do Nordeste, seis programas de crédito para investimentos (com capital de giro associado) abrigam o segmento de calçados, sendo que um deles (Programa de Apoio ao Setor Coureiro-Calçadista) é específico para o setor. O Banco do Estado do Ceará, além de agente repassador de recursos do BNDES, dispõe de linha de crédito altamente privilegiada para financiar o setor calçadista cearense, sendo que as mais atrativas são operadas com recursos do FCE e FDI (Silva e Rosa, 1998, P.76).

Em geral, as linhas de créditos operacionalizadas pelos agentes financeiros credenciados embutem condições de financiamentos extremamente favorecidas em termos de prazos, carências e encargos financeiros. E eles, se tornam cada vez mais atrativas, quando satisfeitos alguns critérios locacionais, ou os potenciais benefícios do crédito, são micro e pequenos empreendimentos. Além de crédito para investimentos e capital de giro, as empresas calçadistas também podem se beneficiar de outros mecanismos indiretos de financiamentos como isenções concedidas pelo Estado/Prefeitura e os incentivos fiscais e financeiros administrados pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), através da redução e isenção do Imposto de Renda, Reinvestimento e do Fundo de Investimento do Nordeste (FINOR) (SUDENE, 1986-1995).

No capítulo seguinte, abordaremos a criação do Pólo Calçadista de Sobral em sua essência, bem como veremos também a participação de uma grande empresa do setor moderno (GRENDENE-SOBRAL) no Município e vislumbrando os efeitos causados pela mesma, diante do Pólo Calçadista.

CAPÍTULO II

2. CRIAÇÃO DO PROJETO PÓLO CALÇADISTA DE SOBRAL.

Neste capítulo, destaca-se todo o processo de criação do Pólo Calçadista de Sobral, segundo a ótica dos técnicos do NUTEC e SEBRAE/CE, dos pequenos produtores de calçados do Município, do Presidente da Associação dos Pequenos Produtores de Calçados e do Sub-secretário da Secretaria de Indústria e Comércio do Estado do Ceará.

Na análise, utilizam-se depoimentos e declarações dos envolvidos no projeto, buscando vislumbrar de forma ilibada fatos e acontecimentos ligados ao Pólo Calçadista, de sua criação até o momento.

É oportuno reconhecer, no entanto, a dificuldade encontrada para colher todos os depoimentos e declarações, haja vista, que nem todos os envolvidos queriam colaborar. Sem a ajuda do Sr. Antão (Consultor técnico – SEBRAE/CE), que colocou-se a disposição para auxiliar nas visitas, desobtruindo os canais de conversação e dando orientações, este trabalho não teria alcançado o seu objetivo.

2.1 Histórico do Projeto.

A criação do projeto do Pólo Calçadista no Município de Sobral, veio de uma decisão do Governo do Estado do Ceará através da Secretaria de Indústria e Comércio em querer fomentar no interior do Estado "vocações profissionais" na população do município citado. Como a região onde situa-se a cidade de Sobral é rica em curtumes e onde as informações levantadas indicavam facilidades para a criação do projeto em parceria com o SEBRAE, o Governo decidiu levar adiante o projeto.

De acordo com os técnicos do NUTEC e o sub-secretário da Secretaria de desenvolvimento Econômico do Estado do Ceará, o projeto teve início em 1992 com o apoio da Universidade do Vale do Acaraú, a qual cedeu parte de suas dependências para que se pudessem ser ministrados treinamentos tecnológicos, nas funções de corte, costura e modelagem.

O Governo espalhou em doze bairros de Sobral unidades de produção aparelhadas, onde técnicos do NUTEC e profissionais oriundos do Rio Grande do Sul tinham como função criar na comunidade ligada a uma associação a vocação (ofício) relacionado com a fabricação de calçados.

O início não foi fácil devido a resistência natural das pessoas, porém, com o passar dos meses isso deixava de ser um obstáculo. A intenção do Governo em querer criar uma mão-de-obra treinada começava a dar resultados. O projeto começava a funcionar.

O passo seguinte, foi a saída do NUTEC e a entrada do SEBRAE, com a finalidade de dar continuidade no projeto, no tocante a ; treinamentos, compras governamentais e acompanhamentos de técnicos junto as Unidades de Produção.

2.2 Como Funciona o Pólo Calçadista de Sobral

O Governo aparelhou a Central de Serviços (localizada na Associação dos Pequenos Produtores de Calçados de Sobral) com o maquinário dentro dos padrões da mais alta qualidade, dando assim confiabilidade aos produtos fabricados. Da mesma forma aparelhou as unidades de produção situadas nas associações cadastradas (12 bairros). O processo consistia da seguinte forma: treinamento da mão-de-obra; processo de produção e incentivo governamental.

2.3 - O Treinamento da Mão-de-Obra

O Governo do Estado através da Secretaria de Indústria e Comércio do Estado, contratou técnicos especializados na área de calçados para darem suporte aos treinamentos da mão-de-obra. As unidades de produção que foram criadas com auxílio das associações comunitárias tiveram seus galpões equipados facilitando assim, o processo de treinamento especializado.

Um fator importante observado em Sobral, é que os trabalhadores ganham pelo que produzem, ou seja, não têm salário fixo, quanto mais produzirem maior será a remuneração (EX: para cada par de chuteiras produzido é destinado a quantia de R\$ 2,00 para a mão-de-obra, que ao final da semana será rateado entre os empregados de forma variável, conforme a função, ou seja, funções mais complexas, percentual maior.

De acordo com o Presidente da Associação dos Pequenos Produtores de Calçados de Sobral, a maioria das empresas não possuem registro de empregados, isto significa que, os empregados não têm direitos legais trabalhistas garantidos. O setor calçadista emprega atualmente cerca de 100 trabalhadores, número pequeno se comparado com a quantidade de empregos gerados pela empresa GRENDENE SOBRAL (7.000 empregos).

2.4 - O Processo de Produção

A central de serviços inicialmente fazia parte do processo produtivo, através do corte de cabedais (parte superior do calçado), montagem de botas de segurança e a prestação de contas com a central de comercialização, que era administrada pelo SEBRAE-CE. Com o desenvolvimento, a Central de Serviços faria também os cabedais e passaria a assumir a responsabilidade da comercialização dos produtos fabricados no Pólo Calçadista.

Conforme os técnicos do NUTEC, dentro do projeto Pólo Calçadista, as associações comunitárias iniciariam suas atividades fazendo somente a costura dos cabedais, depois com o desenvolvimento da mão-de-obra, cada unidade procuraria fazer seu próprio produto.

O SEBRAE incentivava os pequenos produtores de calçados, no tocante a participação dos mesmos em feiras e eventos ligados ao setor. Dando assim, a oportunidade de sentirem o mercado referente ao setor de calçados.

2.5 - O Incentivo Governamental

O Governo Estadual incentivou o Pólo Calçadista através das compras governamentais (aquisição de botas e luvas) para a Polícia Militar/Ce e Corpo de Bombeiros/Ce. Dando uma grande parcela de ajuda financeira, pois a produção solicitada pelo Estado era elevada, utilizando praticamente todas as unidades de produção em plena capacidade. Porém, segundo a SIC esse incentivo teve que ser

cortado, em virtude do Tribunal de Contas do Estado achar que essas compras governamentais feriam a lei de licitação, pois o Governo apenas fazia um apanhado de preços pela região nordestina, e segundo o sub-secretário da SIC os preços dos pequenos produtores eram sempre inferiores aos preços de mercado, por isso o Governo não feria a lei de licitação vigente.

O Tribunal de Contas não aceitando os argumentos do Governo Estadual embargou todas as compras governamentais que não estivessem de acordo com a lei de licitação causando assim, segundo a SIC, o prejuízo social para o Estado, pois deixaríamos de gerar renda dentro do Estado, gerando em outro. Neste mesmo período, a indústria Grendene instalou uma fábrica em Sobral, aproveitando-se das facilidades dadas pelo governo e mão-de-obra barata e treinada. Em pouco tempo, essa indústria tornara-se a mais lucrativa do grupo.

2.6 – Ação do grupo GRENDENE – GRENDENE SOBRAL.

O Grupo GRENDENE decidiu investir no Estado do Ceará pôr quatro motivos; **mão-de-obra** (os salários pagos no Ceará são, em média, 40% inferiores aos dos Estados do Sul e do Sudeste), **incentivos fiscais** (isenção de ICMS por determinado período, financiamentos para comprar terrenos e outros, empréstimos, etc.), **não tributação do Imposto de Renda sobre o Lucro Líquido** e a **Credibilidade do Governo Estadual** (o Governo Estadual cumpre o que acorda)(EXAME, São Paulo, 1995, p.161).

O Governo do Estado do Ceará oferece tanto que se torna quase impossível a um empresário recuar ou pedir mais. A empresa assina o protocolo de intenção hoje e começa a produzir amanhã. Foi o que aconteceu com a GRENDENE, arranjou-se uma fábrica desocupada e a GRENDENE já foi produzindo e ganhando dinheiro, enquanto construía a nova fábrica.

Foi assim, que o Grupo GRENDENE, o maior produtor brasileiro de calçados, no ano de 1990, instalou sua primeira empresa em Fortaleza, a GRENDENE NORDESTE. O seu faturamento chegou a 900 milhões de dólares em 1996, 40% dos quais oriundos do Estado do Ceará. “O que pesou mesmo para investirmos no Nordeste não foi tanto a questão dos custos menores, mas a dos lucros maiores”, diz Alexandre Grendene, Presidente do Grupo. Ele calcula que a GRENDENE no Nordeste, é 60% mais lucrativa do que no Sul (EXAME, São Paulo, 1995, p.162).

Por estes motivos a GRENDENE já não está só em Fortaleza. O Governo Estadual alargou os prazos dos incentivos para atrair indústrias que se dispunham a investir no sertão. A GRENDENE montou uma em Sobral, a 240 KM da capital, GRENDENE SOBRAL.

Em 1993, a GRENDENE SOBRAL, era apenas um galpão de 5.000 metros quadrados alugado na cidade de Sobral. No ano seguinte, ocupava uma área quase quatro vezes maior e fechou o exercício com um desempenho que a levou ao primeiro lugar do pódio do setor de calçados/confecções da revista Exame no ano de 1994, fato que voltou a se repetir em 1996.

O crescimento galopante da empresa está intimamente ligado a um fenômeno de mercado: o Rider, um chinelo de plástico, leve e barato, que a cada ano fica mais popular. A GRENDENE SOBRAL, foi criada para produzir somente o chinelo Rider para o mercado interno. A GRENDENE investiu 40 milhões de dólares na fábrica de Sobral que atualmente emprega cerca de 7.000 trabalhadores (EXAME, São Paulo, 1996, p. 148).

A economia do município de Sobral ganhou novo fôlego, desde da implantação da fábrica da GRENDENE, tanto o comércio quanto a população vislumbram que a cidade de Sobral cresceu vertiginosamente. A prova é que, as contas da Prefeitura estão equilibradas, ao ponto do Prefeito Cid Gomes, investir em Cultura no Município (Centro Cultural da Cidade de Sobral).

CAPÍTULO III

3. AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DO PÓLO CALÇADISTA DE SOBRAL – UMA VISÃO RECENTE.

Segundo técnicos do SEBRAE, das dozes unidades produtivas existentes, apenas duas unidades produzem precariamente, as demais perderam sua finalidade, umas virarão depósito de reciclagem de lixo e outras estão totalmente paradas com o maquinário enferrujando e sem manutenção.

Apanhando alguns depoimentos de pequenos produtores de calçados do município de Sobral sobre a ação do Pólo Calçadista hoje, todos foram unânimes em relatar que o projeto está sucumbindo. Um dos fatores primordiais para essa derrocada foi a distribuição, elaborada pelo Governo do Estado do Ceará, das unidades de produção para as

associações comunitárias, pois na Presidência das respectivas associações, grande parte dos dirigentes nunca tiveram contato com a fabricação de calçados, Alguns eram mecânicos, padeiros, donas de casas, etc.

Outro problema relatado, foi o da falta de capital de giro para os pequenos produtores, que por este motivo não conseguiam manter-se nas unidades de produção, pagando despesas como água, luz e manutenção das máquinas.

Outra dificuldade encontrada pelo calçadistas, foi a não aceitação por parte dos lojistas locais em revender os calçados produzidos no Pólo, apesar da boa qualidade do produto. A saída então, foi exportar para outras cidades vizinhas e para outros Estados como; Pará, Amapá, Piauí, Amazonas e Tocantins.

Segundo funcionários do antigo NUTEC, que estiveram na época da instalação do Pólo calçadista e de técnicos do SEBRAE-CE, e acompanharam o

desenvolvimento até o ano de 1996, vêem a “falência” do projeto de outra forma, relatam que, as dificuldades de organizar os pequenos produtores de calçados do município de Sobral eram enormes, poucos apareciam para as reuniões para debater sobre os problemas do Pólo calçadista.

É notório, que alguns produtores sentem “ciúmes” entre si, conseqüentemente, não se organizam e com isso, essa individualização está acarretando um prejuízo enorme para o projeto.

Até o ano de 1996, tinham nove unidades produzindo, com uma produção/ano de 55.952,00 pares de calçados (sandálias femininas, botas de segurança, chinelão, sapato infantil, chuteiras, bolsa de viagem, mochila escolar, cintos, pastas e luvas). O valor total das vendas neste período chegou à R\$ 270.860,00 (ASTECA, feira, 1996, anexo).

Uma alternativa para salvar o Pólo Calçadista de Sobral veio da iniciativa da empresa ASTECA- Assessoria Técnica à fabricação de calçados e da empresa FLAE – Fernandes de Lima Assessoria Empresarial, cuja a proposta era de fazer uma feira mensal, denominada Feira do Calçado de Sobral (relatório, em anexo). Este evento teria a parceria da Prefeitura Municipal de Sobral, que cederia o local (Praça São João) e a energia elétrica para iluminação das barracas e do ambiente, bem como os serviços básicos de limpeza e segurança. Outra parceria, ficaria por conta do SEBRAE/CE, que além da cessão das barracas utilizadas e dos repasses dos recursos para viabilização do evento, organizaria missões empresariais partindo das diversas regiões do Estado do Ceará e de Fortaleza, trazendo até Sobral, representantes de empresas (boutiques e lojas de calçados).

O evento citado acima foi apresentado a Prefeitura Municipal de Sobral, junto ao Secretário de Indústria e Comércio e Turismo, Sr. Luiz Fernando, que até o momento não deu parecer sobre esse assunto.

CONCLUSÃO

As referências sobre a evolução da indústria de calçados evidenciam que a atuação dos pequenos produtores de calçados não deve ser avaliada fora da natureza e do sentido do crescimento industrial ocorrido no Nordeste, nos últimos anos. Evidenciam, ainda, que a indústria de calçados no Ceará, de um modo geral, tem apresentado sintomas de crescimento nas últimas décadas. Entretanto, este fato é mais atribuível a atuação das grandes empresas do que à das micro e pequenas, por não terem sido devidamente contempladas com estímulos que aquelas puderam contar. Desta feita, apesar da criação de programas específicos às micros e pequenas empresas, os frutos do crescimento industrial ficaram mais a mercê dos grandes estabelecimentos.

O projeto Pólo Calçadista de Sobral, foi criado pelo Governo do Estado do Ceará para fomentar o setor de calçados na região Norte do Estado. Foi um grande empreendimento que, ao avaliarmos hoje (seis anos após a criação), verificamos que grande parte não existe mais na sua essência. As dificuldades encontradas desde da distribuição das unidades produtivas para as associações comunitárias, até a falta de organização entre os pequenos produtores de calçados e o desinteresse por parte das instituições envolvidas, denotam a “falência” do projeto.

Das doze associações comunitárias que receberam às instalações (prédio e maquinário), apenas duas operam precariamente (Parque Sylvania e a Central de Serviços). As demais, ou foram desativadas em definitivo ou estão com o maquinário enferrujando sem serem utilizados. A informação recebida era de que no ano passado a Secretaria de Indústria e Comércio do Governo do Estado do Ceará, iria retirar todo o maquinário das unidades produtivas, porém, o

SEBRAE/CE pediu que dessem uma nova oportunidade. Desta feita, foi quando elaborou-se o projeto de uma feira mensal do calçado de Sobral, mas até o momento, a Prefeitura Municipal de Sobral (principal parceria) não se manifestou ainda sobre o assunto.

No âmbito setorial ou da indústria, é estratégico manter as empresas aglutinadas em torno de pólos produtores já existentes (Fortaleza, Juazeiro e Sobral), para que as economias de aglomeração (atendimento, assistência tecnológica, disponibilidade de matérias-primas e componentes, etc.) possam ser internalizadas repercutindo favoravelmente na produtividade global do setor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAEX. Brasilian Footwear: 96-97 – Novo Hamburgo: Catânia Comunicação e Marketing Ltda. 1997. 112p.

ARY, A.J. et al. A indústria de calçados de Fortaleza. REN, Fortaleza, v.18,n.2,p.263-289,abr/jun.1987.

BNB/ ETENE. – O Sistema FINOR : resultados e sugestões de aperfeiçoamento. Fortaleza, 1986.

BRASIL. Ministério do Trabalho (MTB). Cadastro geral de empregados e desempregados (CAGED): lei n. 4.923/65. Brasília, 1997. 1p.

_____. Ministério do Trabalho (MTB). Plano nacional de educação profissional: trabalho e empregabilidade, Brasília, 1996. 8p.

_____. Ministério da Economia Fazenda e Planejamento (MEFP). Estratégias setoriais para o complexo industrial couro/calçado. Brasília,1990. 48 p. (mimeo) Texto para discussão.

CEARÁ. SECITECE. Programa de Difusão Tecnológica (PRODITEC). Fortaleza, 1997. 2p.

CETREDE. PADETEC. Relatório institucional referente às atividades do Parque de Desenvolvimento Tecnológico – PADETEC. Fortaleza, 1997. 15p. (mimeo).

REVISTA EXAME – Melhores e Maiores 1995. São Paulo, edição de agosto, p. 164 – 166.

REVISTA EXAME - Melhores e Maiores 1996. São Paulo, edição de agosto, p. 148 – 150.

FINEP/SEBRAE. PATME – Programa de Apoio Tecnológico às Micro e Pequenas Empresas. Brasília, 1996. 40 p.

OLIVEIRA, C. G. de. Pequena produção de móveis e esquadrias de madeira na cidade de João Pessoa. Paraíba : Universidade Federal da Paraíba, 1986. (tese de mestrado. Mimeo)

REBOUÇAS, OSMUNDO. Et al. Gestão Compartilhada – O Pacto do Ceará. Rio de Janeiro, 1997, 184p.

ROCHA, A. S. Estratégias de sobrevivências das microempresas do setor de calçados do Estado do Ceará : reflexão a partir dos principais pólos de produção. UFC.CAEN, 1990. 263 p. (tese de mestrado)

SECRETARIA DE INDÚSTRIA E COMÉRCIO.- O N.T.C.A. e a indústria cearense de calçados: novas diretrizes e resultados alcançados. Fortaleza: SIC, 1985.

SILVA E ROSA. A indústria de calçados tradicional no Ceará – Diagnóstico da competitividade, UFC/FCPC/SEBRAE/SINDICAL, Fortaleza, 1998.

SUDENE/BNB/IPEA. A indústria de calçados e artefatos de couros e peles no Nordeste: programa de promoção de oportunidades de investimentos no Nordeste. Fortaleza, 1980. 102 p.

_____. O Sistema FINOR: resultados e sugestões de aperfeiçoamento. Fortaleza, 1986, 247 p.

ANEXO
FEIRA DO CALÇADO DE SOBRAL

Realização : SEBRAE/CE – Escritório Regional de Sobral

Prefeitura Municipal de Sobral

Apoio : ASTECA – Assessoria Técnica Calçadista

FLAE – Fernandes de Lima Assessoria Empresarial

OBJETIVO

Proporcionar aos micros e pequenos empresários do setor calçadista estabelecidos no Município de Sobral, uma maior oportunidade para a comercialização de seus produtos, abrindo a perspectiva de um mercado próximo, porém pouco explorado, no caso, o consumidor final.

Sobral possui hoje, cerca de 10 (dez) unidades produtivas ligadas ao Pólo Calçadista, dentre elas uma unidade merece destaque, é a unidade mantida pela ASPEFACS – Associação dos Pequenos Fabricantes de Calçados de Sobral. Todas estas unidades produtivas recebem apoio tecnológico e gerencial por parte do SEBRAE/CE, através da ASTECA, empresa especializada em treinamentos e assessoria confeccionista e calçadista. A cidade de Sobral conta ainda com cerca de 07 (sete) micro empresas que atuam na produção de calçados, bolsas, pastas, etc.

No ano de 1996, as unidades produtivas ligadas ao Pólo Calçadista de Sobral produziram 55.952 unidades, entre peças e pares, que foram comercializadas para as mais diversas regiões do país, totalizando assim, uma receita de R\$ 270.860,00, conforme relatório apresentado ao SEBRAE/CE pela ASTECA, e que segue em anexo.

POLO CALÇADISTA DE SOBRAL
PRODUTOS FABRICADOS DURANTE O ANO DE 1996

UNIDADE	PRODUTO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL PROD.	VALOR UNIT.	VALOR TOTAL
ASPEFACS	SAND. FEM.	80	90	-	150	300	150	300	300	150	240	240	500	2.500	8,00	20.000
	BOTA SEGUR.	-	65	-	-	-	-	-	-	30	400	-	-	495	12,50	6.180
	CHINELÃO	50	-	-	-	300	60	30	50	-	-	-	-	490	8,00	3.920
ALTO DA BRASILIA	SAND.FEM.	120	100	-	-	30	100	205	500	100	225	320	200	1.997	7,00	13.279
	SAP.INFANTIL	120	30	-	150	100	50	-	300	300	-	-	400	1.450	6,00	8.700
	CHUTEIRAS	-	-	600	-	-	-	-	-	-	-	-	-	600	8,00	2.800
PE ANTONIO TOMAZ	SAP.INFANTIL	-	-	-	-	-	60	-	-	-	105	400	500	1.065	7,00	7.455
	CHINELÃO	-	-	-	-	-	50	-	-	-	75	-	-	125	9,00	1.125
	SAP.FEMININO	-	20	-	50	100	-	-	-	-	-	-	-	150	7,00	1.050
TERRENOS NOVOS	BOLSA VIAG	-	-	-	-	1700	3000	3000	1000	1000	2000	2000	2000	15.700	5,50	8.635
	MOCH. ESC.	150	300	-	200	-	2000	-	1000	800	1000	-	1500	6.950	3,50	2.433
	CINTO	-	1000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1.000	1,00	1.000
TAMARINDO PE. OSVALDO	CHUTEIRAS	800	900	800	1000	1000	1000	900	900	900	800	400	600	10.000	8,00	80.000
	CHUTEIRAS	-	105	-	300	600	1000	360	400	600	840	510	600	5.315	8,00	42.520
	SAP. FEM.	100	135	580	-	-	-	-	-	-	-	-	-	815	7,00	5.705
MONS. ARNOBIO	CHUTEIRAS	-	-	300	300	300	300	500	300	250	400	300	-	2.950	9,00	26.550
	PASTA IDEAL	320	520	-	-	-	200	70	580	350	360	-	500	2.900	12,00	34.800
	SAP. FEM.	-	-	150	-	-	-	-	-	-	-	-	400	550	5,00	2.750
COHAB II	SAP. FEM.	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100	7,50	750
SUMARE	LUVAS	-	-	400	-	-	-	-	-	-	-	-	-	400	1,50	600
ALTO NOVO	LUVAS	-	-	400	-	-	-	-	-	-	-	-	-	400	1,5	600
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	55.952	-	270.860

A FEIRA

Diante do acima exposto, acreditamos na potencialidade do setor calçadista sobralense, que deve realizar mensalmente a FEIRA DO CALÇADO DE SOBRAL, evento que deverá reunir em datas adiante apresentadas, aproximadamente 20 (vinte) representantes do setor, que exporão seus produtos em uma feira a ser instalada na Praça do São João, atraindo assim a atenção da população de Sobral, que poderá adquirir produtos a preço de fábrica, além de atrair empresas compradoras de outras cidades.

A feira deverá ser instalada na Praça de São João, em barracas padronizadas utilizadas pelo SEBRAE/CE na realização do sacolão da Microempresa, e que deverão ser cedidas ficando sob a responsabilidade do Escritório Regional do SEBRAE, em Sobral.

OS PRODUTOS

Deverão ser comercializados neste evento, sapatos infantis e para adultos (masculinos e femininos), sandálias infantis e para adulto (masculino e feminino), sapato masculino tipo mocassim, chuteiras, pastas, cintos, bolsas de viagem (grandes e pequenas), mochilas escolares e luvas de segurança.

DATAS

A feira acontecerá sempre no último final de semana de cada mês (Sexta e Sábado), no horário de 10 às 22 horas, conforme as datas abaixo apresentadas.

MÊS	DATA
Janeiro	31.01 e 01.02
Fevereiro	28.02 e 01.03
Março	21 e 22
Abril	25 e 26
Maiο	30 e 31
Junho	27 e 28
Julho	25 e 26
Agosto	29 e 30
Setembro	26 e 27
Outubro	31.10 e 01.11
Novembro	28 e 29
Dezembro	19 e 20

Obs : vale salientar que estas datas poderão ser alteradas se for da vontade de qualquer uma das partes parceiras neste evento.

A PARCERIA

A realização deste evento será fruto de uma parceria a ser estabelecida entre o SEBRAE/CE e a Prefeitura Municipal de Sobral, conforma plano de ação abaixo apresentado.

SEBRAE/CE

Fica por conta do SEBRAE/CE, além da cessão das barracas utilizadas, o repasse dos recursos para a viabilização do evento, a organização de missões

empresariais partindo das diversas regiões do Estado e de Fortaleza, trazendo até Sobral, representantes de empresas que tenham potencial de compra, principalmente boutiques e lojas de calçados, além do apoio da equipe técnica do Escritório Regional de Sobral e divulgação do evento junto aos demais escritórios do SEBRAE no Estado.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SOBRAL

Fica por conta da Prefeitura Municipal de Sobral a cessão do local, no caso a Praça São João, a energia elétrica necessária as barracas e a iluminação do ambiente, além dos serviços básicos de limpeza e segurança.

ADMINISTRAÇÃO DA FEIRA

A administração do evento ficará sob a responsabilidade da empresa ASTECA – Assessoria Técnica à Fabricação de Calçados, empresa terceirizada do SEBRAE/CE, e que já atua no suporte as unidades produtivas do Pólo Calçadista, com apoio da FLAE – Fernandes de Lima Assessoria Empresarial.

PLANILHA DE CUSTOS

Apresentamos a seguir a proposta financeira para a realização da Feira de Calçados de Sobral, conforme levantamento feito pela ASTECA e Fernandes de Lima Assessoria Empresarial.

Descrição	Custo Mensal (R\$)	Custo anual (R\$)
Divulgação na mídia	300,00	3.600,00
Serviço de Som	150,00	1.800,00
Apoio logístico	250,00	3.000,00
Montagem/desmontagem	400,00	4.800,00
Material Gráfico	200,00	2.400,00